



O Espetáculo da Morte: O Caso Michael Jackson no Jornal Nacional¹

Michele NEGRINI²

Marlon Trindade ORTIZ³

Universidade Federal do Pampa – Unipampa São Borja

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre a cobertura feita pelo Jornal Nacional à morte do cantor Michael Jackson. Observamos como o JN enfatizou questões como especulações sobre possíveis causas da morte do cantor; a importância do artista no cenário musical; e as emoções do público e de pessoas famosas pela morte do ídolo. Refletimos a espetacularização da morte no telejornalismo a partir de autores como Guy Debord e Maria Izabel Sczpacenkopf. Tomamos como objeto de estudos as edições do telejornal que foram ao ar nos dias 25 e 26 de junho de 2009.

Palavras-chave: telejornalismo; morte; Michael Jackson; Jornal Nacional.

A crescente presença da espetacularização nos meios de comunicação, principalmente na televisão, pode ser considerada uma tendência nos dias atuais. A apresentação de *shows* é mais que um simples modismo; ela já está consolidada, e, na maioria das vezes, sustenta elevados índices de audiência. Na programação televisiva, são comuns os programas que levam ao ar debates sobre questões do cotidiano humano, como a resolução de questões sobre a vida privada de pessoas anônimas – tais questões, muitas vezes, sem relevância para o grande público. No caso de programas jornalísticos, é costumeira a apresentação de blocos que acoplam jornalismo com espetacularização.

O formato espetacular pode ser considerado uma fórmula capaz de atrair os mais diversificados públicos. Devido à dimensão adquirida pelos programas espetacularizados no contexto social, a inserção destes programas na grade das emissoras já é um item obrigatório (BUCCI, 1993). Com a crescente disseminação do sensacional e com a tendência de tornar as peculiaridades da vida humana privada

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista; doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; docente da Universidade Federal do Pampa/ Unipampa São Borja. E-mail: mmegrini@yahoo.com.br.

³ Acadêmico de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa. Email: matrior@gmail.com.



relevantes ao conhecimento social, os shows espetaculares têm espaço cada vez mais garantido em vários setores da sociedade e também no jornalismo.

O telejornal, mais que o jornalismo impresso, tem de entreter. O tempo todo. Uma nota entediante de 10 segundos é fatal. O telespectador foge. A cor é obrigatória. O movimento é obrigatório. O retumbante é obrigatório. É por isso que o principal critério da notícia é a imagem. Se não há uma imagem impactante, dificilmente o fato merecerá um bom tempo no telejornal. O apresentador do telejornal é outro ingrediente-chave. Ele desenvolve com o telespectador um vínculo de familiaridade como se fosse um ator, um astro. Vivemos em um tempo que jornalistas da TV são celebridades, são símbolos sexuais. Enfim, aqui, como no resto do mundo, o público sente desejo pelo programa do telejornal (BUCCI, 2000, p. 29).

Nas palavras de Szpacenkopf (2003), o telejornal não é nada mais que um espetáculo formado por informações que são perecíveis, pois as notícias, com o decorrer do tempo, podem se tornar obsoletas e sem valor mercadológico. Ele é um espetáculo que tem horário para começar e para ser finalizado, com a função de informar, divertir, além de alertar a audiência, a qual precisa ser mantida. A autora salienta que no espetáculo não há continuidade, o começo e o fim de uma tarefa estão muito próximos. E o telejornal faz parte da lógica do *show*, sendo submetido às leis espetaculares.

O telejornal espetacularizado tem como característica a apresentação exaustiva de imagens que acabam dando a impressão de serem mais reais que a própria realidade que deu origem a elas. O telejornal, geralmente, apresenta uma pauta variada e é um dos destaques dentro da programação televisiva; é um dos elementos de credibilidade de uma emissora de TV. É alimentado por fontes de informação nacionais e internacionais, além de apresentar especificidades que o diferenciam da imprensa escrita e falada, como a apresentação da imagem, que dá uma impressão de completude ao fato, casada com a narração que amplia os sentidos do que foi veiculado via imagem (SZPACENKOPF, 2003).

Szpacenkopf (2003) defende a idéia de que um telejornal pode ser considerado um espetáculo de variedades por apresentar entre os temas de destaque em sua pauta as notícias de sofrimento e de violência. Tal violência, muitas vezes, resulta em morte. A última, independentemente do que a causou, é, na maior parte dos casos, apresentada com um “recorte” espetacular.



Os espetáculos de sofrimento, morte, catástrofes e violência têm presença marcante nos telejornais. Atuais, ainda que repetitivos, habitam excessivamente noticiários, o que em nossa opinião fala mais do que uma questão de banalização. O excesso de violência na mídia deve-se ao fato não só de ela já fazer parte de um de seus agendamentos, mas porque constitui um dos temas que mais interessam ao espectador (SZPACENKOPF, 2003, p. 253).

A morte é apontada por Traquina (2005) como um valor-notícia importante no jornalismo:

A morte é um valor-notícia fundamental para essa comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas do jornal ou nos écrans da televisão. No seu estudo antropológico dos correspondentes de guerra em El Salvador, Mark Pedeltyouve faz um fotojornalista explicar o tipo de fotos que a hierarquia do jornal quer: “Assassinatos, bombardeamentos, funerais, e conferências de imprensa. Aquilo que combina com as melhores ‘estórias’”. Conta que a pergunta mais freqüente do seu chefe é “Quantos corpos?” (TRAQUINA, 2005, p.79).

Para Mouillaud (2002), diferentes locais são atribuídos à morte no cenário do jornalismo. O autor salienta que há distintos tipos de mortos nas páginas dos jornais impresso, como: os mortos de serviço, que compõem a necrologia; os mortos acidentais; os mortos dos conflitos, das guerras e das revoluções, que passam a fazer parte da história; e o Grande Morto, que se destaca pelo seu nome, pela sua fama. Neste estudo, estamos focados no olhar do jornalismo televisivo sobre um morto de destaque mundial, o cantor Michael Jackson.

Após o falecimento do astro musical, o mundo concentrou-se nos meios de comunicação para acompanhar as principais informações sobre o acontecimento. E a televisão proporcionou que os mais variados detalhes sobre o cantor fossem espetacularizados e levados até os espectadores.

A Morte na Televisão

A morte é um tema com complexas significações entre os humanos. Os comportamentos sociais diante da finitude humana e as reflexões das pessoas acerca do tema têm tido diferentes configurações no decorrer do processo histórico.

Ariés (2003) salienta que a morte, que foi tão presente no cotidiano das sociedades medievais, passa a ser um fenômeno interdito nas sociedades ocidentais atuais. Mas, as sociedades ocidentais atuais, apesar de consideradas “negadoras” da



morte, contemplam amplamente a temática da finitude humana na cena midiática. De acordo com o pensamento de Castells (1999), é tendência predominante do ocidente o apagamento da morte do convívio social e fazer com que ela se torne inexpressiva pela sua repetição na cena midiática – sempre na forma da morte do outro. O homem contempla a morte do outro nos meios de comunicação e se distancia da sua própria morte. A sua própria morte acaba ficando no campo do inesperado.

Barbosa (2004) salienta que a televisão, nas suas transmissões cotidianas, constrói duas perspectivas de mortos: o morto comum, que é objeto da violência corriqueira, e o morto notável, que teve a sua vida dotada de atos evidentes. A morte de alguém comum, para ganhar espaço midiático, tem que ser uma morte fortuita, uma ruptura, que tenha aspectos que possam tocar na intimidade do ser humano.

Segundo Barbosa, são as mortes de pessoas notáveis que aparecem como objetos das cerimônias da televisão. É destacada como espetáculo midiático a trajetória do morto quando era vivo, sendo mostrada como algo exemplar, que merece ser lembrada e cultuada. É característica do discurso midiático o enaltecimento das características “positivas” do grande morto, a ponto de torná-lo um herói diante do público, o que pode causar identificação.

No caso da morte de Michael Jackson, a televisão esteve bastante presente e levou ao público os mais variados detalhes da vida do cantor. Foram feitas especulações sobre destino da herança do astro musical; sobre quem ficaria com a guarda dos filhos; discussões sobre problemas internos na família Jackson; sobre a sexualidade do cantor morto; sobre a sua relação com suas ex-mulheres. Enfim, questões da vida privada da família tiveram visibilidade e serviram como roteiro para um grande espetáculo midiático.

Os Sentidos da Morte no JN

O Jornal Nacional foi o primeiro telejornal a ser transmitido em rede nacional. Foi ao ar pela primeira vez no dia 1º de setembro de 1969, e foi transmitido ao vivo, simultaneamente, para algumas capitais de estados brasileiros, como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte.

O JN, desde que entrou no ar, tem um formato padrão. Sua apresentação é feita em uma bancada, por dois jornalistas sentados. O JN tem um formato padrão desde que



iniciou suas transmissões. É apresentado em uma bancada, por dois jornalistas sentados. Os primeiros apresentadores foram Hilton Gomes e Cid Moreira. No ano de 1972, Sérgio Chapelin substituiu Hilton Gomes. No ano de 1983, Celso Freitas foi para o lado de Cid Moreira na apresentação. Em 1989, Sérgio Chapelin voltou a fazer dupla com Cid Moreira, que só foi desfeita em 1996, dando lugar a William Bonner e Lillian Witte Fibe. Em 1998, Fátima Bernardes assume o lugar de Witte Fibe. Bernardes e Bonner são os âncoras do JN até hoje. Inicialmente, o programa tinha 15 minutos de duração. Ele era transmitido de segunda a sábado, como acontece atualmente; porém, agora o programa fica quase uma hora no ar (MEMÓRIA GLOBO, 2005).

No cotidiano do Jornal Nacional, diferentes tipos de morte têm espaço na pauta do telejornal. No JN, há espaço para alguns dos principais tipos de morte elencados por Mouillaud (2002) como presentes no jornalismo: os mortos acidentais; os mortos dos conflitos, das guerras; e os Grandes Mortos, que se destacam pela sua fama na sociedade.

No caso da morte do cantor Michael Jackson, que pode ser caracterizado como um grande morto, o falecimento do astro musical teve espaço destacado nos veículos de comunicação. O mundo concentrou-se nos meios de comunicação para acompanhar os principais detalhes do acontecimento. Telejornais ocuparam sua pauta com o assunto durante vários dias.

A cobertura da morte de Michael Jackson feita pelo Jornal Nacional foi marcada pelo seu caráter espetacular. Guy Debord (1997) traz importantes considerações para o estudo da apresentação espetacularizada da morte no jornalismo televisivo quando salienta que o espetáculo tem como foco o seu desenrolar, o seu enredo. O meio da cena espetacularizada é tudo, é ali que o público deve se prender. Rezende (2000) discute a produção telejornalística espetacularizada como um casamento de imagens atraentes com notícias sobre fatos diversos, que abarcam a morte e a violência. O JN destinou boa parte do tempo que ficou no ar nos dias que seguiram à morte do astro musical para focalizar o caso. Foi destacada a importância do cantor no cenário da música; depoimentos de artistas e de fãs falando sobre as qualidades do cantor foram salientados; os sentimentos dos fãs foram explorados; foram feitas especulações sobre as possíveis causas do falecimento de Jackson, enfim, a morte foi tratada de forma



sensacional e espetacular. Desta forma, a cobertura do JN à morte de Michael Jackson tornou-se um interessante objeto para estudos.

Por uma opção metodológica, decidimos analisar as edições do JN dos dias 25⁴ e 26⁵ de junho de 2009. Também por opção metodológica, selecionamos os principais sentidos⁶ instituídos sobre a morte de Michael Jackson, os quais dão a ela uma configuração de espetáculo, no discurso de todos os locutores⁷ presentes nas matérias sobre o tema nos programas em estudo, inclusive dos apresentadores, e apontamos as falas de cada locutor literalmente como elas foram ditas nas edições referidas do JN. Grifamos, no decorrer das frases dos locutores, as marcas de sentidos referentes aos pontos em discussão.

Na edição do dia 25 de junho, dia da morte do cantor, os apresentadores Willian Bonner e Fátima Bernardes, assim como os correspondentes da Rede Globo nos Estados Unidos, Giuliana Morrone e Rodrigo Bocardi, falam em especulações de que o cantor estaria morto, mas só confirmam o falecimento no final do telejornal.

Embora não tenha dominado a grade de conteúdos da edição, o tema “Michael Jackson” ocupou boa parte do programa, onde se deu muita ênfase à importância do cantor no cenário musical.

A confusão em torno do estado de saúde de Michael Jackson, com informações desconstruídas sobre a internação e morte foi o último episódio de uma carreira atribulada. Michael Jackson foi do céu ao inferno. *Arrebatou milhões de fãs, trouxe para a cena um novo jeito de dançar e de cantar. Mas também sofreu acusações de abuso sexual e perdeu parte da fortuna*⁸.

Deixou o grupo na década de 80 para brilhar sozinho. Fez mais do que isso: *estourou no mundo da música com o álbum ‘Thriller’, o mais vendido de todos os tempos, com mais de 100 milhões de cópias no mundo inteiro. Uma legião de fãs em todo o mundo dançava ao som de ‘Beat It’ e ‘Billie Jean’*⁹.

⁴ Edição do JN do dia da morte de Michael Jackson.

⁵ Edição do JN do dia seguinte à morte de Michael Jackson.

⁶ Benetti (2007) salienta que o jornalismo é um lugar de produção e circulação de sentidos. Para Orlandi, a produção de sentidos tem íntimas relações com os interlocutores do discurso. Os sentidos estão vinculados com as posições ideológicas que estão em jogo no processo de produção das palavras e variam conforme as estratégias de funcionamento dos discursos, a posição do sujeito que fala e do que lê, o meio de realização do texto e as relações de poder ali inseridas. “O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito” (ORLANDI, 2001, p. 47). Neste artigo, vai-se tomar como base o conceito de sentido de Orlandi (2001), mas não serão aprofundados os estudos da autora sobre o tema.

⁷ Ducrot (1987, p. 182) diz que o locutor é “um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável”. O locutor mostra-se como o “eu” no discurso.

⁸ Fala do repórter.

⁹ Fala do repórter.



Criou uma nova maneira de dançar. E também inovou nos videocliques: mais do que cantar, contava histórias¹⁰.

Teve cinco álbuns entre os mais vendidos, colecionou 25 Grammys, o Oscar da música. Ganhou milhões de dólares. Encantou os brasileiros ao gravar um clipe no Pelourinho, em Salvador, e na Favela Santa Marta, Zona Sul do Rio¹¹.

No dia 26, a morte do astro é o principal assunto do Jornal Nacional, que traz diversas matérias sobre o cantor, enfocando, principalmente, a sua importância.

A carreira dele logo passou a ter uma associação direta entre música e dança. Aqueles passos onde Michael Jackson parecia andar para trás empurravam para frente toda uma nova concepção de como se expressar com o corpo¹².

Há uma movimentação muito grande apenas da imprensa. Alguns fãs ainda estão aqui. Um sentimento muito profundo, muito forte, que chama a atenção. Não é um ídolo qualquer. É um grande ídolo, com uma tristeza que parece que vai demorar a passar¹³.

Aqui em Los Angeles, nesta sexta-feira, os olhos ficaram virados para aquele prédio: o Instituto Médico Legal da cidade. É ali que está o corpo de Michael Jackson. É dali que vai vir a informação com o resultado da autópsia e a causa da morte do cantor. Como é uma notícia que o mundo quer saber, as maiores redes de TV do mundo se posicionaram aqui para transmitir essa informação¹⁴.

Neste dia, são mostrados depoimentos de artistas e de pessoas comuns, falando sobre qualidades do cantor.

"O corpo virou uma orquestra na mão desse cara. O que ele fazia com os pés, joelhos, pescoço, mãos. Ele é um cara de uma expressividade e de uma criatividade absurdas", afirmou Deborah Colker¹⁵.

"Quem canta gosta de cantar dançando, quem dança gosta de dançar cantando. Ele fez isso muito bem. Ele teve esse equilíbrio, de não se entregar só ao canto, ou à dança. Ele se entregou à música", disse Sandra de Sá¹⁶.

"Quando ele apareceu, foi um encantamento enorme pra mim. Ele realizava tantos dos nossos sonhos de todos nós. É bonito vê-lo com o Olodum no Pelourinho, se aproximando daquela rítmica mais tribalista, afrobaiana", contou Gilberto Gil¹⁷.

¹⁰ Fala do repórter.

¹¹ Fala do repórter.

¹² Fala do repórter.

¹³ Fala do repórter.

¹⁴ Fala do repórter.

¹⁵ Fala da entrevistada/repórter.

¹⁶ Fala da entrevistada/repórter.

¹⁷ Fala do entrevistado/repórter.



A voz foi gravada no estúdio e Angélica recebeu uma visita surpresa. “Muito frágil, muito sensível. Uma vozinha infantil, afeminada, muito delicada. Ele entrou e, quando foi gravar, ele se transformou no rei da montanha. Eu fiquei tremendo, achei que não fosse agüentar”, disse¹⁸.

Além da ênfase à dimensão do artista no cenário musical, os discursos do JN dos dias 25 e 26 de junho de 2009 expuseram os pontos controversos da carreira do cantor, principalmente as acusações de abuso sexual e as excentricidades.

A confusão em torno do estado de saúde de Michael Jackson, com informações desconstruídas sobre a internação e morte foi o último episódio de uma carreira atribulada. Michael Jackson foi do céu ao inferno. Arrebatou milhões de fãs, trouxe para a cena um novo jeito de dançar e de cantar. Mas também sofreu acusações de abuso sexual e perdeu parte da fortuna¹⁹.

Enquanto brilhava, o mundo acompanhou a transformação de sua aparência. A pele foi ficando cada vez mais clara, supostamente consequência de vitiligo. Mudou o cabelo, passou por várias cirurgias plásticas e ficou irreconhecível²⁰.

A vida pessoal também era alvo de intensa especulação. Casou e teve três filhos. Provocou críticas dos fãs e da imprensa por tratar as crianças de uma maneira estranha. Uma vez, deixou o filho pendurado do lado de fora da janela²¹.

Seus problemas com crianças não pararam por aí. Em 93, foi acusado de abusar sexualmente de um menino de 13 anos, mas conseguiu um acordo. Doze anos mais tarde, foi acusado em um novo caso. Desta vez, foi julgado e absolvido²².

As edições do JN dos dias 25 e 26 de junho de 2009 enfatizaram as emoções do público e de pessoas conhecidas pela morte do cantor.

Poucos minutos depois de chegar ao hospital veio a informação. O astro pop estava em coma. E as tentativas de reanimá-lo foram em vão. Sem qualquer anúncio oficial, a informação sobre a morte de Michael Jackson começou a circular. E os fãs, em pouco tempo, lotaram a porta do centro médico da Universidade de Los Angeles²³.

Há uma movimentação muito grande apenas da imprensa. Alguns fãs ainda estão aqui. Um sentimento muito profundo, muito forte, que chama a atenção.

¹⁸ Fala do repórter/entrevistada.

¹⁹ Fala do repórter.

²⁰ Fala do repórter.

²¹ Fala do repórter.

²² Fala do repórter.

²³ Fala do repórter.



Não é um ídolo qualquer. É um grande ídolo, com uma tristeza que parece que vai demorar a passar²⁴.

Os melhores amigos evitaram gravar entrevista. Elizabeth Taylor, a melhor amiga, disse que está absolutamente devastada. Liza Minelli declarou: ele era um homem maravilhos²⁵.

A primeira mulher de Michael, Lisa Marie Presley, filha de Elvis, disse estar com o coração partido²⁶.

Por aqui só se ouvia o som de Michael. Numa demonstração clara do amor de todos os fãs. A trilha sonora era a mesma no som alto dos carros, que paravam o trânsito. A declaração de amor. A coreografia solitária. O gesto repetido tantas vezes. No chão, mensagens de saudade eterna²⁷.

A fã, emocionada, diz que sente pelos três filhos que ficaram sem pai. Para outra, Michael está aqui em espírito e vai viver para sempre²⁸.

Especulações sobre possíveis causas da morte do artista também pautaram as edições do JN em estudo.

Quinze minutos depois - quase 13h, 17h pelo horário de Brasília - a ambulância chegou ao pronto-socorro. O primeiro diagnóstico foi parada cardíaca²⁹.

Ainda faltam os resultados de alguns exames, como de sangue e toxicológico, para determinar se havia alguma substância indevida no organismo de Michael Jackson³⁰.

Terminou agora há pouco a autópsia no corpo de Michael Jackson. O diretor do IML saiu e deu uma coletiva, e divulgou um documento dizendo que não foi possível identificar a causa da morte de Michael Jackson, porque ainda são necessários os resultados de alguns exames³¹.

Os investigadores procuram o médico que atendeu o cantor no mesmo dia de sua morte, pela manhã. Há suspeitas de que ele possa ter tomado medicamentos muito fortes³².

Tablóides disseram que o cantor teria recebido do médico uma injeção do analgésico Demerol, um medicamento fortíssimo contra dores, equivalente à morfina³³.

²⁴ Fala do repórter.

²⁵ Fala do repórter.

²⁶ Fala do repórter.

²⁷ Fala do repórter.

²⁸ Fala do repórter.

²⁹ Fala do repórter.

³⁰ Fala do repórter.

³¹ Fala do repórter.

³² Fala do repórter.

³³ Fala do repórter.



O JN deu ênfase ao retrospecto do falecimento de Michael Jackson pelo mundo.

Um casal, de El Salvador, conta que Michael Jackson também é muito querido no país deles. "Estamos aqui, pra uma última despedida, porque temos certeza que a música dele ainda vai influenciar muitas e muitas gerações"³⁴.

Nas ruas, um homem diz que ele e o filho são fãs do cantor e que ficou triste ao saber da morte. Mas em Tel Aviv o jovem lembrou que Michael é imortal, que vai viver para sempre, e lembrou sua música favorita³⁵.

De Lisboa, o correspondente Pedro Bassan registra as reações em Portugal. Os jornais de Portugal trouxeram a notícia que cobriu o país de tristeza³⁶.

A morte repentina de Michael Jackson surpreendeu e entristeceu fãs no mundo todo. No Japão, quem conta é Roberto Kovalick³⁷.

Michael Jackson foi homenageado em todos os cantos dos Estados Unidos. É o que mostra a reportagem de Lília Teles³⁸.

Considerações Finais

Após observação do discurso do Jornal Nacional, fica evidente que a cobertura que fez à morte do cantor Michael Jackson foi abarcada na espetacularização. Houve uma repetição de sentidos e uma demarcação exagerada de detalhes ligados ao fim da vida do cantor. O JN pareceu, ao cercar a morte de Jackson de emotividade e ao levar ao ar detalhes da vida do cantor, estar tratando a finitude humana de forma festiva.

Ao abordar a morte de Michael Jackson, o Jornal Nacional salientou, de forma espetacularizada, a importância do cantor no cenário musical, destacou depoimentos de pessoas falando sobre a importância e o talento do ídolo, enfocou as emoções geradas pelo falecimento do astro musical e fez especulações sobre as causas que poderiam ter ocasionado a morte. Dessa forma, investiu na perspectiva de chamar a atenção do público. Com essa postura, o JN dá espaço para o considerarmos um programa que se utiliza do apelo às emoções do público e que foge do padrão que se espera de um telejornal de referência.

Assim, podemos finalizar retomando a idéia de Traquina (2005) de que a morte é um valor-notícia importante para o jornalismo. No caso específico do telejornalismo, a

³⁴ Fala do repórter/entrevistado.

³⁵ Fala do repórter.

³⁶ Fala do apresentador.

³⁷ Fala do apresentador.

³⁸ Fala do apresentador.

apresentação da finitude de **Grandes Mortos**, como **Michael Jackson**, é uma alternativa que rende, pois dá subsídios para a construção de cenas espetaculares.

Referências Bibliográficas

ARIÈS, Philippe. História da morte no ocidente. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BENETTI, Márcia. A ironia como estratégia discursiva da Revista Veja. In: XVI Encontro Anual dos programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2007, Curitiba. Anais. Curitiba: Compós, 2007.

BUCCI, Eugênio. O peixe morre pela boca. São Paulo: Scritta, 1993.

BUCCI, Eugênio. Brasil em tempo de TV. 3 ed. São Paulo: Boitempo, 2000.

BARBOSA, Marialva. A morte imaginada. In: GT Comunicação e Sociabilidade na XIII Compós. UMESP: São Paulo, 2004.

DEBORD, GUY. A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DUCROT, Oswald. O dizer e o dito. Campinas: Pontes, 1987.

MEMÓRIA GLOBO. Jornal Nacional: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

MOUILLAUD, Maurice. As grandes mortes na mídia. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). O Jornal: da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, 2002.

ORLANDI, Eni. Discurso e texto. Campinas: Pontes, 2001.

REZENDE, Guilherme Jorge de. Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

SCZPACENKOPF, Maria Izabel. O Olhar do poder: a montagem branca e a violência no espetáculo telejornal. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.